

# IMPOTENCIA

1237

RUBEM BRAGA

Foi na ultima chuarada do ano, e a noite era preta. O homem só estava em casa: chegara tarde, exausto e molhado, depois de uma viagem de onibus mortificante, e comera, sem prazer, uma comida fria. Vestiu o pijama e ligou o radio, mas o radio estava ruim, aquele caso sentimental em Botafogo. E quando começou a dor-radio", pensou ele com tedio. E pensou ainda que há muitos meses, há muitos anos, estava com muita coisa para consertar, desde os dentes até a torneira da cozinha, desde seu horario no serviço até aquele caso sentimental em Botafogo. E quando começou a dormir e ouviu que batiam na porta, acordou assustado, achando que era o dentista, o homem do radio, o caixa da firma, o irmão de Honorrina ou um vago fiscal-geral dos problemas da vida que lhe vinha tomar contas.

A principio não reconheceu a negra velha Joaquina Maria, miuda, molhada, os braços magros luzindo, a cara aflita. Ela dizia coisas que ele não entendia; mandou que entrasse. Há dois meses a velha lavava sua roupa, e tudo o que sabia a seu respeito é que morava em algum barraco, em um morro perto da lagoa, e era doente. Sua historia foi saindo aos poucos. O temporal derrubara o barraco, e seu netinho, de oito anos, estava sob os escombros. Precisava de ajuda imediata, se lembrara dele.

— O menino está... morto?  
Ouviu a resposta afirmativa com um suspiro de alivio. O que ela queria é que ele telefonasse para a policia, chamasse ambulancia ou rabecão, desse um jeito para o menino não passar a noite entre os escombros, na enxurrada: ou arranjasse um automovel e alguém para ir retirar o corpinho. Mas o telefone não dava sinal; enguiçara. E quando meteu uma capa de gabardine e um chapéu e desceu a escada viu que tudo enguiçara, os bondes, os onibus, a cidade, todo esse conjun-

to de ferro, asfalto, fios e pedras que faz uma cidade, tudo estava paralisado, como um grande monstro debil.

— E os pais dele?

A velha disse que a mãe estava trabalhando em Niterói.

— E o pai?

Na mesma hora sentiu que fizera uma pergunta ociosa; devia ser um personagem vago e imprecioso, negro e perdido na noite e no temporal, o pai daquele pretinho morto. Ia atravessando a rua com a velha, subitamente, como a chuva estivesse forte, e ela tossisse, mandou que ela voltasse e esperasse na entrada da casa. Tentou fazer parar quatro ou cinco automoveis; apenas conseguiu receber na perna jactos de lama. Entrou, curvando-se, em um botequim sordido que era o unico lugar aberto em toda a rua, mas já estava com a porta de ferro a meia altura. Não tinha telefone. Contou a historia ao portu-guês do balcão, deu explicações ao garçon e a um freguês mulato que queria saber qual era o nome do morro — e de repente

sentiu que estava fazendo uma coisa inutil e ridicula, em contar aquela historia sem nenhum objetivo. Bebeu uma cachaça, saiu para a rua, sob a chuva intensa, andou até a segunda esquina, atravessou a avenida, voltou, olhando vagamente dois bondes paralisados, um onibus quebrado, os raros carros que passavam, luzidios e egoistas na noite negra. Sentiu uma alegria vingativa pensando que mais adiante, como certamente já acontecera antes, eles ficariam paralisados, no engarrafamento enervante do transito. Uma rrazinha que descia à esquerda era uma torrente de agua enlameada. Mesmo que encontrasse algum telefone funcionando sabia que não conseguiria àquela hora nenhuma ajuda da policia, nem da assistencia nem dos bombeiros; havia desgraças em toda a cidade, bairros inteiros sem comunicação, perdidos debaixo da chuva. Meteu o pé até acima dos tornozelos numa poça d'agua. Encontrou a velha chorando baixinho.

— Dona...

Ela ergueu os olhos para ele, fixou-a numa pergunta aflitiva, como se ele fosse o responsável pela cidade, pelo mundo, pela organização inteira do mundo dos brancos. Disse à velha, secamente, que tinha arrumado tudo para "amanhã de manhã". Ela ainda o olhou com um ar desam-te escura, sob a chuva, chorando, parado — mas logo partiu na noichorando.

17/4/52